

As inovações no ensino de História: Novas práticas e reflexões em sala de aula¹

Aluizia do Nascimento Freire²

O presente artigo busca situar os alunos (as) na inclusão de novas metodologias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas como desafios constantes dos educadores. Inserir o alunado no mundo da fotografia foi um meio de incentivar essa arte no intuito de estimulá-los a conhecer o lugar onde moram numa outra perspectiva, assim como, despertar um novo olhar sobre o resgate da memória³ através das lentes, estimulando o interesse e participação do resgate da história, analisando a importância da mesma e seus avanços para o conhecimento no ensino aprendizagem dentro do contexto historiográfico. A preocupação e inquietações nas buscas de inovações metodológicas são constantes desafios dos educadores em seu dia a dia, por perceber cada vez mais a distância, a falta de estímulo e desinteresse na sala de aula dos nossos alunos (as).

As novas estratégias em sala de aula são frutos das mudanças que vem ocorrendo na sociedade, dentre elas o uso da informatização, as novidades tecnológicas que vem chamando atenção principalmente do público jovem, que ficam antenados a cada lançamento de objetos novos. São muitas as informações que os deixam inquietos. Porém, entendemos que nem todas as escolas de ensino público têm esses aparatos tecnológicos, muitas vezes ainda nos deparamos com ensino tradicional, o qual utiliza o livro didático, o quadro e giz. O acesso à informatização que os alunos (as) têm, muitas vezes, é fora da

¹ Artigo apresentado no GT do Simpósio Temático no V Encontro Estadual de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social.

² Graduada em História/UFRN. Mestre em Serviço Social/UFRN. Atualmente atua como professora da Educação Básica de Ensino.

³ Memória todos os registros (inclusive mentais) que podemos acionar para recordar dados e imagens do passado. A memória baseia-se em lembranças que dispensam fontes para comprovar realidade dos fatos (BERUTTI, Flávio e MARQUES, Adhemar. Ensinar e Aprender História., 2009).

escola. A esse respeito Bittencourt (2009, p.110), coloca uma preocupação, o uso de computadores, notadamente pode transformar-se em mais um meio para erguer barreiras entre o que tem acesso a esses produtos e os demais alunos das precárias escolas públicas das periferias das grandes cidades e das mais carentes do país. Assim, o consumo das novas tecnologias pode ser mais um instrumento de exclusão social e cultural, situação que provoca diferenciação até mesmo entre as diversas gerações de professores. Isso fica perceptível que o acesso à informatização em que os alunos (as) tem é “as vezes” em casa, ou na rua.

O nosso papel hoje é o de transmitir conhecimentos, assim como, criar esse conhecimento junto ao educando. De acordo com Freire (2011), “Conhecer é um evento social, ainda que com dimensões individuais”. Em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto. Entretanto sabemos que a formação do ser humano não é tarefa exclusiva da escola, nem do processo de ensino. As mudanças políticas econômicas e sociais ocorridas na sociedade ao longo dos anos contribuíram para a entrada da mulher no mercado de trabalho, afastando-a cada vez mais do laço familiar. O papel da família na educação dos seus filhos é fundamental para um bom rendimento de aprendizagem na escola, a necessidade cada vez mais da presença da família na escola tem sido bastante discutida.

A libertação da mulher causou e causa um grande impacto nessa instituição em que ela desempenha um importante papel de coesão, pois é a encarregada de administrar o âmbito doméstico, ocupar-se da educação dos filhos e filhas e ajudar ao marido. A mulher, hoje, participa do mercado informal ou formal com o objetivo do sustento da família e, ao mesmo tempo, é obrigada a tripla jornada de trabalho; sendo responsável pela educação dos filhos, pelos afazeres domésticos, muitas vezes, assumindo este trabalho sozinha, sem divisão de tarefas, isso faz com que haja um afastamento da família das escolas e, uma transferência de responsabilidade, que até então, caberia aos pais, aos

professores. São essas mudanças cada vez mais rápidas que exigem novas estratégias de ensino aprendizagem.

A passagem de um sistema de educação elitizada, baseado na competência e na exclusão para um sistema flexível e integrador, que busca uma equidade e uma inclusão, trouxe enormes desafios para nós que somos a elite pensante e responsável pela educação. Nesse sentido, Fonseca (2003, p.101) argumenta, a construção de novas propostas pedagógicas para o ensino de História deve, a nosso ver, ser fundamentada numa concepção de escola como instituição social, um lugar onde se estabeleçam relações sociais e políticas, espaço social de transmissão de saberes e valores culturais. Ainda de acordo com Fonseca (2003), É o lugar onde se educa para a vida, onde se formam as novas gerações para o exercício pleno da cidadania⁴. Por isso, fundamentalmente, é um lugar de produção e socialização de saberes.

Nesse sentido, entendemos também o ambiente escolar como espaço de imposição do saber, saberes estes impostos, já que se leva em consideração na escola a lógica mercadológica, o qual vai transmitir conhecimentos de acordo com que nos é imposto e formar pessoas para o mercado de trabalho, contribuindo para um maior fortalecimento das empresas privadas e financeiras, portanto, a lógica da privatização do lucro e da tecnologia, ou seja, de dominação e exclusão no sistema capitalista na atual sociedade de classes.

A esse respeito, citamos Gramsci, que propõe uma escola unitária de fundo socialista, esta escola estaria apta ao desenvolvimento das capacidades dos indivíduos tanto para o trabalho manual como para o trabalho intelectual – escola e meio social (Gramsci, 1990 In Gadotti). Uma escola em que não agregaria valores, imposto pela sociedade de classe, e sim, uma relação de troca de conhecimento onde não existiria essa estrutura que é a escola tradicional.

⁴ Cidadania palavra de origem grega, em que eram considerados cidadãos homens, que participavam da vida pública, com mais de 18 anos de idade; porém, estavam excluídos de participar da vida pública mulheres, escravos, estrangeiros e crianças. FUNARI, Pedro Paulo. Grécia e Roma: vida pública e vida privada, Cultura, pensamento mitologia, amor e sexualidade. Campinas: Contexto, 2101. Cidadania no sentido pleno da palavra é a conquista dos direitos civis, políticos e sociais mínimos por parte dos indivíduos. Entretanto essa concepção esconde que a sociedade é dividida em classes sociais.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (2001, p.37) espaço de produção intelectual passa pela necessidade de se formar cidadãos conscientes e críticos da realidade na qual estão inseridos, é necessário fazer escolhas pedagógicas pelas quais o estudante possa conhecer as problemáticas e os anseios individuais de classes e de grupos – local, regional, nacional e intelectual - que projetam a cidadania como prática e ideal; distinguir as diferenças do significado de cidadania para vários povos; e conhecer conceituações históricas delineadas por estudiosos do tema.

Não uma escola de ensino bancário e que repassa a ideologia da classe dominante e sim um espaço em que os alunos (as) produzissem seus próprios conhecimentos de forma crítica e produtiva. O espaço da escola hoje para os jovens não é mais um espaço de prazer, e sim uma obrigação, já que presenciamos a falta de estímulo, o desinteresse pelos estudos e alguns só estão lá por causa de uma ajuda de custo do governo, como exemplo, a bolsa escola, a merenda para que o aluno permaneça na escola, a eles só resta a apatia e a bagunça como forma de chamar atenção, cabe ao educador a paciência, e uma solução para inovar novas formas de prender a atenção dos estudantes e transformar toda essa angústia em ação.

Entendemos que tudo isso que vem ocorrendo no âmbito escolar passa pela falta de compromisso dos governantes, o descaso dos governos federal, estaduais e municipais com a educação, e pela falta de recursos para investir mais nela, os cortes dos gastos públicos que afetam principalmente os serviços essenciais como o ensino, a saúde, sem contar com os baixos salários dos educadores e educadoras que tem que se virar para complementar sua renda, ensinado em duas ou mais escolas, conseqüentemente a queda na qualidade do ensino público.

A esse respeito citamos a opinião de Santoré as transformações promovidas pelo atual capitalismo imperialista em seus modos mais selvagens explicam em grande parte a reestruturação e a reforma dos sistemas educacionais e da exigência dessa reestruturação do capital (SANTORÉ, 2003).

Logicamente, o trabalho de professores e professoras, está inserido nessa lógica capitalista.

De acordo com o PCNs (2001), nas últimas décadas, por diferentes razões, nota-se uma crescente preocupação dos professores (as) do ensino fundamental em acompanhar e participar do debate historiográfico, criando aproximação entre o conhecimento histórico e o saber histórico escolar. Esse conhecimento passa fundamentalmente pelo saber histórico que desse modo tem possibilitado alternativas e métodos de ensino e recursos didáticos, principalmente para valorizar o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Por outro lado, ao constatarem que as abordagens e os conteúdos escolares não explicam as problemáticas sociais e contemporâneas nem as transformações históricas a elas relacionadas, professoras e educadores buscam outros modos de compreender a relação passado/presente e de historicizar as questões do cotidiano.

Nesse contexto, os estudos históricos desempenham um papel importante, na medida em que contemplam pesquisas e reflexões das representações construídas socialmente e das relações estabelecidas entre os indivíduos, os grupos, os povos e o mundo social, em uma época. Nesse sentido, o ensino de história pode fazer escolhas pedagógicas capazes de possibilitar aos alunos refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-las com problemáticas históricas inerentes ao seu grupo de convívio, a localidade, a sua região e à sociedade nacional e mundial (PCNS, p. 34).

Não se aprende História apenas no âmbito escolar. As crianças e jovens tem acesso a inúmeras informações sobre as relações interpessoais e coletivas por intermédio dos meios de comunicação, hoje devido às mudanças constantes no mundo da tecnologia, seja imagens e explicações no convívio social e familiar, nos festejos de caráter local, regional, nacional e mundial. Os alunos são atentos às transformações e aos ciclos da natureza, envolvem-se com os ritmos acelerados da vida urbana, da televisão, do computador, celular e vídeos clipes, são seduzidos pelo apelo do consumo da sociedade

contemporânea. Nas conveniências entre as gerações, nas fotos e lembranças dos antepassados e de outros tempos, crianças e jovens socializam-se. Aprendem regras sociais e costumes, agregam valores, projetam o futuro e questionam o tempo (IBIDEM p.38).

Os jovens sempre participam, a seu modo desse trabalho de memória, que sempre recria e interpreta o tempo e a História. Aprendem que há lugares para guardar e preservação da memória, como museus, bibliotecas, arquivos, sítios arqueológicos.

É preciso diferenciar, contudo, o saber que os alunos adquirem de modo informal daquele que aprendem na escola. No espaço escolar, o conhecimento é uma reelaboração de muitos saberes, constituindo o que chama de saber histórico escolar. Esse saber é proveniente do diálogo entre muitos interlocutores e muitas fontes, e é permanentemente reconstruído a partir de objetivos sociais, didáticos e pedagógicos (PCNS, 2001).

Nas suas relações com o conhecimento histórico, o ensino e a aprendizagem da História envolvem seleção criteriosa de conteúdos e métodos que contemplem o fato, o sujeito e o tempo (IDEM, p.39).

Entre os mesmos podemos citar, como exemplo, metodologias que envolvam conteúdos relacionados a nossa vivência, e conteúdos que estejam relacionados a fatos históricos e sejam vistos no tempo e no espaço. Por isso o interesse em trabalhar o uso da fotografia em sala de aula. A fotografia se constitui como uma importante fonte de informação e até de motivação para que os alunos (as) percebam como são capazes de construir conhecimento, fugindo dos rituais básicos do ensino de História, levandos-os a compreender que a aula não acontece só na escola.

A fotografia surgiu no século XIX na Europa, através de Louis Jacques Mande Daguerre, rapidamente se difundiu no Brasil pelo mundo, e passou a fazer parte do imaginário popular através de D.Pedro II, em 1840⁵, se transformou no 1º fotografo do país Turazzi⁶(2010).

⁵ D.Pedro II, príncipe regente do Brasil, assume como príncipe monárquico após sua maioridade em 1840.

⁶ Turazzi, Maria Inez, seu principal objetivo era construir uma imagem associada a modernidade e ao progresso (TURAZZI, p.22, 2010).

A arte de fotografar = escrever (grafar) com luz (foto), acabou se constituindo não só numa arte com na forma de se enxergar o mundo, “a invenção da fotografia representa a criação de um poderoso instrumento para exploração visual do espaço e apreensão do tempo vivido” (TURAZZI, 2010).

De acordo com Schnell (2010), a fotografia rapidamente foi apropriada por dois tipos de representação: a primeira privada com o objetivo de retratar o cotidiano das pessoas, como festas, casamentos, famílias, atividades de lazer ou de trabalho. A segunda como objetivo de retratar as realizações dos governantes, tendo uma conotação ideológica. Prática essa que permanece com suas nuances, continua-se fotografando todo tipo de lazer e com outros fins, seja de caráter jornalístico e até mesmo de se apropriar da imagem para conseguir extorquir e chantagear alguém, como podemos perceber, hoje o objetivo de fotografar não é só um esporte ou lazer.

Ainda de acordo com Schnell (2010) a fotografia se constitui assim numa forma de expressão das vontades, das aspirações, das realizações, ou seja, lugar comum de todas as realizações. Fotos estas que se perpetuam de geração a geração e ajudam a contar a vida das pessoas, das famílias e o próprio desenvolvimento da cultura ou das transformações que o homem e o tempo impõem sobre o ambiente.

Ao se falar de fotografia e o seu uso em sala de aula, notadamente na disciplina de História é necessário uma compreensão do que ela se constitui enquanto produção humana e fonte documental, qual a sua utilidade, seu leque de possibilidades de análise bem como suas limitações.

Somente a partir dessa compreensão é que podemos estabelecer parâmetros e análises sobre a forma de se utilizar este documento.

Trabalhar com conceitos foi essencial para compreender como se deu o surgimento da fotografia e sua relação com o tempo e o espaço, capturar emoções e sentimentos, aprisionar para a posterioridade imagens de uma época e um tempo que não voltam mais, saber valorizar e usar estas no trabalho histórico ou de sala de aula é o grande desafio de quem se habilita a trabalhar

com o uso da fotografia para conhecer melhor a realidade histórica, bem, como compreender o que fomos e somos hoje.

Diante de tudo que foi assinalado, o interesse em trabalhar o projeto de fotografia surgiu pela necessidade de abordar as novas tecnologias em sala de aula, de estudar a História local, a História de vida do aluno (a) a partir do lugar em que o educando vive, conhecer o lugar em que mora através das lentes. Segundo Bittencourt (2009), a associação entre cotidiano e história de vida dos alunos(as) possibilita contextualizar essa vivência em uma vida em sociedade e articular a história de vida dos mesmos possibilita contextualizar essa vivência em uma vida em sociedade e articular a história individual a uma história coletiva.

Nesse contexto, o trabalho do historiador é saber articular a vivência e a investigação em que o alunado se propõem a fazer a partir do seu referencial que é o lugar onde estão inseridos, ou seja, cabe aos mesmos reinterpretá-los o espaço a partir do seu conhecimento de vida.

O projeto teve como tema “Um novo olhar sob a fotografia”, tendo sua culminância na feira interdisciplinar da escola, a amostra ficou exposta tanto para a comunidade escolar como para a comunidade em geral. Durante a feira interdisciplinar fizemos uma exposição com um histórico do surgimento da fotografia, e expomos várias máquinas fotográficas antigas e digitais e assim como, fotografias reveladas em papel, tanto dos alunos como de seus pais. Ao colocar esse projeto em prática o objetivo era contribuir para a autoestima do alunado e a construção do ensino aprendizagem, percebendo o discente como sujeito da sua própria história.

Através dessa pesquisa entrou em discussão os relatos orais dos alunos, mostrando as formas de intervenção no espaço rural e urbano, em que os mesmos perceberam as modificações ocorridas, nos espaços observados através da fotografia, observaram casas destruídas, paisagens modificadas, espaços públicos que não existem mais, dentre esses espaços citamos o antigo abatedouro da cidade, as marcas do tempo ficaram através dos seus escombros, as quais contribui para uma reflexão entre o passado e o presente. Podemos resumir mostrando os lugares como prática de memória, é fundamental para

estruturar nossa memória e nos inserirmos na coletividade. A partir dos lugares, nossas lembranças emergem tanto das relações sociais como culturais.

Quando analisamos o material coletado pelos alunos (as) observamos a alegria nos olhos de cada um, pela realização desse trabalho, e quanto é prazeroso a liberdade de cada um poder está no ambiente em que eles se sentem bem, em um ambiente aberto sem portas e cadeados.

O uso da fotografia como fontes documentais, a linguagem visual, no ensino de história são recursos didáticos pedagógicos que nos levam a refletir sobre a importância no nosso cotidiano.

De acordo com Campos (2009), todo gênero de fotografia pode ser objeto de estudo da história: retratos de pessoas, fotos de família, de amigos e grupos profissionais, paisagens urbanas e rurais como as mostradas na exposição, fotografias colhidas em jornais antigos, ou atuais podem ser explorados pelo estudo da história.

Ainda de acordo com Campos (2009), a fotografia é arte e documento a um só tempo. É criação e testemunho amalgamados; binômio individual e revelador e único cuja terrível ambiguidade nos informa e confunde, também a um só tempo.

Essas novas práticas em sala de aula de acordo com Fonseca tem início a partir do século XX com a história nova. A esse respeito a mesma cita:

A preocupação com a história de toda a sociedade, ao qual ampliou-se as fontes de estudo, passando a utilizar as fontes orais (entrevistas, depoimentos e narrativas), as fontes audiovisuais (fotografias discos e filmes, programas de televisão etc., além de obras de arte, pinturas, esculturas). Tudo que fosse registro da ação humana passou a ser considerado fonte de história (FONSECA, Selva Guimarães, 2003).

Segundo Burke (1997), foi a partir da história dos Annales que expandiu o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do

território histórico estão vinculadas á descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las, dentre elas a colaboração com outras ciências. Abria-se espaço para a história nova, ou nova história, como afirma Chartier (1990), ou seja, os movimentos de renovação historiográfica procuraram mostrar que tudo tem história, contribuindo para o aumento potencial de fontes. Inclusive o uso da fotografia como apresentado anteriormente.

Ensinar história no atual contexto sóciopolítico e cultural nos conduz a retomada de uma velha questão; o papel formativo do ensino de história.

Apesar de todas as mudanças, preocupações com o que ensinar, nos defrontamos com a presença de problemas estruturais, no processo de ensino aprendizagem dos alunos, como saber ler e interpretar textos, como elaborar simples perguntas e questionar o educador nas suas apresentações.

A realização desta pesquisa surgiu da necessidade de se trabalhar e inovar as novas tecnologias no ensino de história, decorrente da expansão dos meios de comunicação que levam a cada dia mais informações ao educando, o qual o processo de ensino aprendizagem torna-se, a cada dia menos restrito ao contexto institucional, onde a escola passa a envolver uma variedade crescente de circunstâncias e contextos. Com o objetivo de levar o alunado a olhar com criticidade e reconhecer seu papel como agente social e transformador do seu conhecimento no processo de ensino e aprendizagem, assim como conhecer o lugar e observar, sob o olhar da fotografia o grande desafio da educação sob um olhar crítico dessa linguagem trabalhada. Levando em consideração a inclusão de novos objetos para proporcionar mudanças significativas na inovação do ensinar.

Os novos desafios para o ensino de história é nosso papel enquanto educador, assim como, auxiliar e apresentar uso de novas tecnologias como forma de auxiliar os jovens a compreender melhor os desafios postos pela sociedade de classes.

De acordo com os PCNS (2001), a utilização de outras metodologias de ensino significa também construir o currículo ao longo do processo, partindo de vivências de grupo (professor/ professora e alunos (as), sem deixar de

considerar o conhecimento historicamente constituído. Foi pensando nisso que surgiu a idéia de se trabalhar o uso da fotografia em sala de aula.

Através deste trabalho procura-se demonstrar o que seria a fotografia, o seu uso e o emprego da mesma para o ensino da História. Estas e outras fontes de conhecimento devem ser utilizadas pelas educadoras e educadores em sala de aula, porém é necessário, que se faça um contexto histórico possibilitando aos alunos (as) a compreensão do que as imagens revelam e qual sua importância para o processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, cabe a nós educadores (as) lançar desafios de uma série de recursos, que ao mesmo tempo motivem os alunos (as) a estudarem e ao mesmo tempo veja esse espaço de estudo também como lazer, e com responsabilidade, espaço esse, em que se identifiquem com este mundo massificado e globalizado que estamos vivendo, como seres pensantes e produtores de conhecimentos e de História.

A fotografia por ser um documento básico presente na vida de todas as pessoas seja adultos, jovens ou crianças, ou condição social, é um recurso didático pedagógico que estimula processo de ensino aprendizagem. Os álbuns de família são exemplos de como esse suporte material da imagem serve de registro da memória. Afinal cada um de nós tem entre seus pertences algum tipo de fotografia, seja amarelada, em preto e branco ou colorida. A fotografia registra fatos, acontecimentos, situações vividas em tempo presente que logo se tornam passadas, e se torna viva na memória, já que memória é um processo social, pois, tudo que nos cerca informa as lembranças que conduzem nossas vidas por meio dos grupos em que estamos inseridos, como a família, os amigos, e outros.

Ainda sobre memória, citamos a definição de Halbwachs (2004).

a memória não é só um fenômeno de interiorização individual, ela é também e, sobretudo uma construção social e um fenômeno coletivo. Sendo uma construção social, a memória é em parte modelada pela família, grupos sociais. A memória individual se estrutura e se insere na memória coletiva.

Sobre esse aspecto citamos também o conceito de memória na visão da historiadora Bittencourt (2009, p. 168) como a memória sem dúvida é um

aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores como para o ensino. Segundo Bittencourt.

“Rever fotos significa relembrar, rememorar ou mesmo ‘ver’ um passado desconhecido. A fotografia é uma representação do real” (Bittencourt, 2009, p.366).

Quem de nós nunca recordou momentos bons ou ruins, quem não sorriu ou chorou observando uma fotografia seja de alguém que amou ou ama, alguém que já não se encontra presente na nossa vida e permanece na memória ou mesmo de pessoas que hoje não representa nenhum sentimento, porém está ali presente entre nossos pertences.

Conclui-se que a relação da fotografia no contexto historiográfico contribuiu para a formação de identidade dos indivíduos, uma vez que a identidade é elaborada justamente a partir da relação entre o eu e outro e envolve o reconhecimento de si mesmo e do outro. Percebemos muito bem essa relação existente entre o que fotografa e o fotografado.

Cabe a nós professores (as) da disciplina de História ou outras disciplinas, o desafio de buscar recursos pedagógicos para que possamos estar utilizando, não só a fotografia, mas outras formas de imagens, como pinturas, a televisão, o computador e também o cinema, que já é um recurso bastante utilizado nos meios acadêmicos e na escola.

Referências

- BERUTTI, Flávio e MARQUES, Adhemar. *Ensinar e aprender História*. Belo Horizonte, RHJ, 2009.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BURKER, Peter. A escola dos Annales (1929-1989). *A Revolução Francesa da Historiografia*. Tradução Nilo Odalia, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais De História - Terceiro e Quarto Ciclos: Apresentação dos Temas Transversais*. Brasília; MEC/SEF, 2001.
- CAMPOS, Helena Guimarães. *História e linguagens*, Helena Guimarães Campos e Ricardo de Moura Faria, 1ª ed. São Paulo, FTD, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrann Brasil, 1990.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de ensino de História*, Campinas São Paulo. Papirus, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários á Prática Educativa*. Ed. Paz e Terra, 2011.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma: vida pública e vida privada, Cultura, pensamento mitologia, amor e sexualidade*. Campinas: Contexto, 2011.
- GADOTTI, Moacir. *Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório*. 14ª edição, ed. Cortez, São Paulo, 2003.
- HALWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- ROGÉRIO Schnell. O uso da fotografia em sala de aula. *Palmeira: espaço urbano, econômico e sociabilidade – a fotografia como fonte para a história- 1905 a 1970*. Texto retirado da Internet dia 08/08/2012. www.google.com.br
- SANTORÉ, Jurio Torres. *A educação em tempo de neoliberalismo*, ed. Artmed, Cláudia Schilling, Porto Alegre, 2003.

TURAZZI, Maria Inez. *Máquina viajante*. História da Biblioteca Nacional.
Fotografia: uma viagem sem volta. Ano 5 nº 52, Janeiro de 2010.